

CAPOEIRA: O QUE OS CORDÉIS NOS DIZEM ACERCA DA ORIGEM DESSA CULTURA POPULAR?

Paulo César da Silva Gonçalves¹
Ailla Melo dos Santos²
Fabiana Santos Céu³

Resumo: Este artigo traz a Capoeira e a Literatura de Cordel como práticas oriundas da Cultura popular. Tem por objetivo analisar o surgimento da capoeira pela literatura de cordel encontrada em Lugares de Memória de Salvador. Para tanto, entrecruzamos saberes das categorias conceituais Capoeira, Literatura de Cordel e Lugares de Memória. Como método utilizamos o gênero Literatura de Cordel com a temática Capoeira tendo-a como um documento. Na metodologia, analisamos vinte e cinco obras com o tema em questão e encontramos quatro versando sobre origens da Capoeira. Para analisarmos os textos, utilizamos como dispositivo informacionais a Análise de Conteúdo de Bardin. Como resultados, percebemos que um cordel traz o século XVI como o nascimento da Capoeira no Brasil. Um cordel atribui ao Estado de Pernambuco como a região em que a Capoeira surgiu. Outro assevera que a capoeira tem sua origem a partir dos movimentos dos animais irracionais e a última apresenta regiões do continente africano como a origem da Capoeira. É quase um consenso de que a capoeira tem seu fundamento em África, mas nasce no Brasil, enquanto o seu local de nascimento é bem discutido.

Palavras-Chave: Capoeira. Literatura de Cordel. Lugares de Memória. Origem.

Introdução

A Capoeira e a Literatura de Cordel em suas singularidades são classificadas e denominadas como Cultura Popular e coexistem paralelamente à cultura sacralizada como a oficial; mas não ocupam o mesmo lugar de destaque quando comparadas aos cânones literários do Brasil. Isso porque desde os tempos mais tenros de nossa história, as instituições de ensino transmitiram esta literatura como maior e mais importante; bem como, representada pelo poder político e elites culturais e econômicas, os quais instituíram certa hegemonia e noção de superioridade em detrimento à cultura popular (AZEVEDO, 2004). No entanto, deixamos claro que não vemos a literatura de cordel como menor, pelo contrário, sabemos de sua importância e relevância no mesmo patamar, quiçá mais elevado do que às produções tidas como oficiais.

Nesse contexto, percebemos aproximações da Literatura de Cordel e da Capoeira logo em sua origem, no Nordeste, porque a primeira nasce na Paraíba e a segunda na

¹ Universidade Federal da Bahia (Ufba). Faculdade de Educação. gsilva.paulo@gmail.com

² Universidade Federal da Bahia (Ufba). Faculdade de Educação. aillamelo@hotmail.com

³ Universidade Federal da Bahia (Ufba). Faculdade de Educação. fabianaceu@hotmail.com

Bahia. Ademais, essas manifestações da sociedade têm na cultura popular pela oralidade o berço de sua gênese e se estabelecem na memória dela a partir disso. Também, vemos forte influência da literatura de cordel em músicas de capoeira.

É nesse contexto de aproximação da Literatura de Cordel e da Capoeira por ambas figurarem e transitarem na cultura popular que essa produção nasce, como resultado parcial de pesquisa de Doutorado, de título “Os significados da Capoeira à luz da Literatura de Cordel”, vinculada à linha de pesquisa Educação, Cultura Corporal e Lazer, da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (Ufba). O movimento subjacente a esta busca originou-se de inquietações, a exemplo de tentar e querer contribuir com a difusão do conhecimento acerca da Capoeira pelo viés da Literatura de Cordel, ao narrar/contar/problematizar aspectos culturais, sociais, históricos etc., sobre a Capoeira pelos cordéis.

Na tese, a questão que a norteia é: ao entender o Cordel como uma literatura específica que traduz a singularidade do Nordeste e a Capoeira originária desta região do Brasil, quais os significados desta prática corporal podem ser captados através dos versos cordelistas? A partir disso, o objetivo principal da tese é analisar os significados históricos e socioculturais da capoeira através da literatura de cordel encontrada em Salvador.

Para este artigo, nos importa apresentarmos cordéis com a temática capoeira e averiguarmos se eles tratam acerca da origem da capoeira, visto que ainda é uma temática que não tem resposta conclusiva, daí queremos investigar se os cordéis abordam esse recorte e se abordam quais argumentos apresentam. Dessa forma, tentaremos responder a seguinte questão: como a Literatura de Cordel se reporta a esta fase dos primórdios da Capoeira no Brasil sobre a sua origem? Como objetivo iremos analisar o surgimento da capoeira pela literatura de cordel encontrada em Lugares de Memória de Salvador.

Nesse diapasão, compusemos essa produção em 06 (seis) seções, são elas: 1 Introdução, 2 Capoeira, um misto de possibilidades, 3 Literatura de Cordel, 4 Lugares de Memória, 5 Metodologia, 6 Resultados e Discussões e Referências.

A capoeira: um misto de possibilidades

Expressão cultural de origem afro-brasileira, a Capoeira envolve luta, resistência, música, dança, religiosidades, ancestralidade, rituais, tradições, filosofia de vida etc. Sua abrangência e amplitude é bem relativa e depende muito do prisma que queiram dar a ela. Nosso olhar sobre a capoeira também é amplo, porém acreditamos e entendemos a capoeira como uma luta de resistência para a libertação de um povo marcado pelos resquícios da escravidão e por causa disso, escravizados e com feridas abertas até hoje pelos mandos e desmandos dos poderes hegemônicos ao longo dos séculos.

A história da capoeira, infelizmente, é bem incerta; isso se deve, entre outros motivos, ao lamentável fato de Ruy Barbosa, Ministro da República nos idos de 1890, ter ateadado fogo nos registros dos negros recém libertos com a alegação de estar apagando um passado de injustiças e desumanidades de nossa História. Em verdade esse foi um desserviço para o constructo da origem da capoeira; bem como de todas as manifestações de matriz afro-brasileira (CAMPOS, 2009).

Como registrado, a origem da Capoeira é algo hipotético, no entanto, percebemos que existe certo consenso de que o princípio e o fundamento dela nasce no Continente Africano. Sobre isso, Abib (2005, p. 130) diz: “No caso da capoeira, a historicidade – o “começo” – é brasileiro, mas o “princípio” – tanto o fundamento, quanto o mito – é africano”. Não duvidamos do nascimento da Capoeira em terras brasileiras, pois não há registros de Capoeira em outras terras antes do Brasil (SILVA, 1995).

Apenas cogitamos influências de outras manifestações culturais de matriz africana no constructo da Capoeira, a exemplo do N’Golo ou dança da Zebra, da região de Mucope, Sul de Angola (CAMPOS, 2009); também em Angola, em sua capital Luanda, há a Bassula, luta praticada por pescadores. Na língua Kimbundo, Bassula significa rasteira (MILAGRES, 2015). Existe, ainda, o Muringue, em Madagascar, o Mani, em Cuba, a Ladja na Martinica (ABIB, 2009). Nesse contexto, percebemos que todas essas manifestações culturais tinham traços de danças e lutas em rituais pelos seus povos, o que de certa forma nos faz lembrar a capoeira praticada aqui no Brasil, através desses traços distintivos, seja pela movimentação da ginga, da rasteira, da cabeçada, da pernada, do jogo com as mãos etc.

No Brasil, os negros escravizados foram trazidos de várias partes do continente africano e eram vendidos para os senhores de engenho como mercadoria. Como estratégia, esses mercadores compravam negros de diversas etnias e os colocavam juntos nas senzalas. Essa estratégia, era uma tentativa de inibir a sociabilização entre esses povos, haja vista muitas nações brigarem entre si em suas terras de origem. Terreno fecundo para o desenvolvimento de uma luta/dança com várias raízes, a exemplo da Capoeira, a qual mesmo com similaridades com outras lutas, como a Ladja, o N'golo, o Muringue etc., é diferente e ímpar em sua forma de se praticar, cantar e tocar instrumentos (REGO, 1968).

Vários expoentes despontam no cenário da capoeira, a exemplo de Besouro Mangangá, Aberrê, Bom Cabrito e os mestres Bimba, Pastinha, Caiçara, Canjiquinha, Noronha, Paulo dos Anjos, Waldemar da Liberdade, João Grande, João Pequeno, Ferreirinha de Santo Amaro, entre outros também de grande valia Destes, Bimba e Pastinha são uns dos mais famosos, por criarem novas filosofias de Capoeira e contribuírem com a descriminalização dela e de outras manifestações culturais de matriz afro-brasileira (ABIB, 2009).

Mato que foi cortado, designação de um lutador, local para onde fugiam os negros “desordeiros”, à margem da sociedade, espécie de cestos para armazenar e capões, luta/dança da cultura afro-brasileira. Essas são algumas denominações da Capoeira. Entre essas designações não podemos nos esquecer de tipificarmos a Capoeira como cultura de resistência, por nos encaminhar a um período de proibições, mandos e desmandos sobre uma cultura de manifestação de matriz afro-brasileira. Resistência que não se desenvolve apenas no jogar da perna, da rasteira, mas também na luta por legalização e legitimação da Capoeira, nos homens e mulheres de que dela fazem parte, no histórico combate ao racismo e a práticas discriminatórias. Viva a Capoeira!

Literatura de Cordel: um olhar na produção do Brasil

A Literatura de Cordel, Folhas Soltas ou volantes cruza o Atlântico e chega ao Brasil nos idos dos séculos XVI e XVII mediante o consentimento do Rei, depois de passar pelo crivo do censor, responsável por averiguar a pertinência das obras. Era a propagação do índice, resquícios da Idade Média (ABREU, 1999).

Em naus, pelo oceano, a literatura de cordel portuguesa se trasladou para o Brasil nas bagagens dos colonos portugueses, com os lavradores, com os artífices. Como bem disse Proença (1982, p. 31), “a gente do povo”. Assim, na perspectiva do cancionista, do cantador português, o cordel chega ao Nordeste brasileiro e, ao longo do tempo, se fixa nessa região.

Para além disso, grande parte dos folhetos foi levada para o Brasil pela família Garnier, que por décadas, comercializou esse produto em livrarias do mesmo nome da família (CURRAN, 2000). Essa ação dos “Garnier” corrobora a materialização da memória de um povo, pela difusão de obras literárias, a exemplos dos cordéis. Sobre isso, Nora (1993, p. 15) diz que “a materialização da memória, em poucos anos, dilatou-se prodigiosamente, desacelerou-se, descentralizou-se, democratizou-se.

Nessas viagens, romances e folhetos, bem conhecidos, trasladaram para terras outras, inclusive o Brasil e títulos como: Imperador Carlos Magno e os doze pares de França, Princesa Magalona, Imperadora Porcina, Donzela Teodora, Roberto do Diabo, João Calais, entre outros, foram ressignificados com as características de nosso povo (CASCUDO, 1979). Assim, parte de nosso acervo inicial de cordéis, nasce da intertextualidade dessas produções portuguesas.

Nesse lastro, os temas eram os mais diversos, as narrativas organizadas de maneira similar, a figura do herói e do vilão eram presentes nessas histórias. Cabia aos heróis “coragem, justiça, honra, lealdade, fidelidade, piedade, enquanto o vilão é mentiroso, desleal, vingativo, invejoso, infiel e dissimulado” (ABREU, 1999, p. 57).

No final do século XIX, na Paraíba, precisamente em 1893, coube aos poetas Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde a tarefa de produzir folhetos com características próprias do povo nordestino, com seu jeito de falar e de se expressar (SANTOS, 2006).

Diferentemente da Literatura de Cordel Portuguesa que apresentava dificuldade para apresentação de uma definição para seus textos, por questões de gênero e formato, por exemplo, o Cordel brasileiro enveredou por um caminho a formar o entendimento muito próximo do que é feito nas diversas regiões do país. Sodré (2005) traz um conceito interessante para esse entendimento.

Cordel sabe-se, é a literatura (oral e escrita) dos contadores e cantadores populares, típica de várias regiões brasileiras, mas especialmente do Nordeste

– é uma literatura feita de pobres para pobres. Diante dela, a consciência moderna assume atitudes diversas: (1) conservadora, recusando qualquer atribuição de valor ao cordel, por incapacidade de geração de sentido; (2) crítico-liberal, procurando encontrar nos motivos temáticos uma expressão de consciência crítica das massas e sondando vestígios de afirmação de luta de classes, ambigüidades ideológicas etc (SODRÉ, 2005, p. 143).

Sodré (2005) nessa definição sobre o cordel, traz duas categorias de posicionamento para leituras e análises dessa literatura, a conservadora e a crítico-liberal. Perante a isso, afirmamos sermos mais simpáticos a segunda perspectiva, pois buscarmos sempre nuances que reverberem ambigüidades ideológicas por sair da construção conservadora, que algumas vezes, talvez, em sua maioria, não corrobora a pensamentos outros ou mesmo geração de sentidos ao texto.

A Literatura de Cordel Brasileira tem representação em maior abrangência pelos folhetos, mas também fazem parte desse gênero o romance e os livros. Outra característica é: “No Nordeste têm grande relevância as cantorias, espetáculos que compreendem a apresentação de poemas e desafios” (ABREU, 1999, p. 73). Como vemos, a cultura do cordel do Brasil se deu a partir da oralidade antes que a imprensa fosse possível.

Assim, de certa maneira, a introdução tardia da imprensa nacional foi um dos entraves para a expansão da cultura do cordel. Outro empecilho para o desenvolvimento dessa literatura foi o arraigamento ao modelo português devido a herança da imitação de obras de artes, de literatura importados. Isso, de certa forma, atrasou a expansão da Literatura de Cordel Brasileira (CURRAN, 2011). Mesmo com essas pedras no meio do caminho, essa Literatura se expandiu e se encontra na contemporaneidade em diversos Estados do Brasil.

Lugares de Memória

Por Lugares de Memória, temos o entendimento de acordo com os pressupostos de Pierri Nora (1993, p. 19), que os vê como locais que “nascem e vivem do sentimento de que não há mais memória espontânea, que é necessário criar arquivos, comemorar aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, registrar atos, porque essas operações não são naturais”.

Dessa forma, ao visitarmos as bibliotecas, as feiras livres, entre outros, no intuito de encontrarmos os cordéis, há uma tentativa de re(construção) e de busca de

lugares de pertencimento dessa cultura. Assim, pela catalogação desses lugares e da divulgação deles, existe grande possibilidade de a memória da Capoeira e da Literatura de cordel serem lembradas e preservadas por esse gênero textual, pois não basta apenas existir, tem que ser visitada, utilizada, para, dessa forma, dar significado ao seu legado. Nessa perspectiva, Vieira (2003, p, 243), apresenta uma estrofe que nos traz essa marca do cordel.

Muitos fatos importantes
Tem se perdido ao léu
Em função de nossa história
Não cumprir o papel
De registrar só o fato
Inda nem que esse ato
Faz a trova de cordel.

Partindo dessa perspectiva, ao divulgarmos os cordéis sobre a capoeira, passaremos na esteira de Nora (1993), pois estaremos corroborando o não apagamento de Histórias dessa cultura popular afro-brasileira e, dessa forma, contribuindo com a memória individual e coletiva de um povo. De acordo com Pinheiro (2018, p. 139):

À medida que a memória de cada indivíduo é revivida quando o ato de recordar é trazido à tona, acreditamos que a memória possa via a ser ressentida e moldada pelas nossas reminiscências e sentimentos, os mais diversos possíveis, compreendendo assim, que as reminiscências possam ser “Lugares de Memória”.

Desse entendimento de que as reminiscências de um indivíduo é um lugar de memória, por analogia, podemos nos arriscarmos a dizer que a Literatura de Cordel pode ser um lugar de memória, pois a partir da leitura de seu conteúdo, o sujeito leitor evoca sentimentos, prazeres e desprazeres de sua memória afetiva pelas reminiscências. Assim, também o é com a fotografia, um bom exemplo para esse entendimento.

Gilmara Pinheiro (2018), concebe a fotografia como reminiscência de memória. Isso foi possível após estudos realizados em acervos fotográficos de ex-professoras das escolas paróquias, do Padre Alfredo Haasler, austríaco, que veio para o Brasil, em 1938 e fundou essa rede escolar. As professoras eram sempre ex-alunas, dedicavam suas vidas a esse trabalho. Geralmente não se casavam, pois, tinham dedicação exclusiva, de janeiro a janeiro em aulas, evangelização e planejamento nas férias.

A autora toma como empréstimo o termo “Testemunhas mudas”, de Burke (2004), para trazer a fotografia nesse contexto, porque esse iconográfico é composto somente pela linguagem não verbal, daí toda e qualquer interpretação advém da

imaginação do leitor. Porém, argumenta que a imagem evidencia a história da mesma forma que os textos escritos; bem como os testemunhos orais (GILMARA, 2018, p. 140).

Gilmara (2018) argumenta, ainda, que pela quantidade de fotografias fomentadas ao longo dos anos pelo Padre Alfredo Haasler, houve uma intenção de criação de um banco de imagens como registro de reminiscências. De certa forma, essa ideia entrecruza o legado de Nora (1993) no que diz respeito à criação de lugares de memórias, visto que eles não são espontâneos.

A partir da análise das fotografias, na perspectiva documental, foi possível perceber nuances da vida dessas professoras. Marcas indelévels foram registradas pelas formas de estar das professoras nas fotos. Nesse sentido, foi constatada muita insatisfação de algumas docentes por viverem em regime de trabalho quase “escravo”, pois pela cidade, na época não oferecer muita possibilidade de emprego, ser professora era ascensão social, mas tinha um preço alto, pois muitas não tinham vida social, não constituíam família; como também direitos trabalhistas eram relegados. Aspectos dessas insatisfações foram registrados nas fotografias como lugares de memória.

Metodologia

O método escolhido para a análise foram cordéis sobre Capoeira encontrados em Lugares de Memória de Salvador, com títulos marcados por alguma referência que nos remetesse à origem dessa manifestação cultural. Nesse sentido, como técnica nos valem de uma abordagem baseada na Análise do Conteúdo, de Bardin (2016), pelo entendimento de que os cordéis são classificados como documentos (CELLARD, 2008).

Os lugares de memória visitados foram a Biblioteca dos Barris, a Biblioteca do Serviço Social do Comércio – Sesc, a Biblioteca Municipal Denise Tavares, a Biblioteca João Fernandes da Cunha, a Biblioteca Clementina de Jesus e a Fundação Mestre Bimba.

Utilizamos como critério de busca cordéis cujos títulos aparecessem os vocábulos Capoeira, valentões, brigões, entre outros, que nos remetessem ao universo da capoeiragem. Feito isso, iniciamos a Pré-análise pela leitura dos títulos. Daí, encontramos 25 (vinte e cinco) obras com a temática em questão, a Capoeira, conforme tabela 1, a seguir.

Tabela 1: Levantamento de títulos sobre Capoeira

NR	TÍTULO
01	ALMEIDA, Renato. Capoeira em cordel e poesias em bordel.
02	BAHIA, Zumbi; AVESTRUZ. História da capoeira no Recife.
03	ALFREDO, Olegário (Gaio). Capoeira: a peleja do Mestre Cavaliere com o Mestre Gaio.
04	ALFREDO, Olegário (Gaio). A ladainha do Mestre Bimba com o Mestre Pastinha.
05	ALFREDO, Olegário (Gaio). O encontro do Mestre Pastinha com o Mestre Bimba no céu.
06	GARCIA, Victor A. Itahim (Lobisomem). O encontro de Luiz Gonzaga com Mestre Waldemar no céu.
07	GARCIA, Victor A. Itahim (Lobisomem). A peleja de Lampião com Besouro Mangangá.
08	GARCIA, Victor A. Itahim (Lobisomem). Mestre Camisa: 50 anos de lutas e vitórias.
09	GARCIA, Victor A. Itahim (Lobisomem). Histórias e bravuras de Besouro o valente capoeira.
10	GARCIA, Victor A. Itahim (Lobisomem). Zumbi e Bimba: símbolos da resistência afro brasileira.
11	CONCEIÇÃO, Antonio R. da (Bule-Bule). Bimba espalhou capoeira nas praças do mundo inteiro.
12	CONCEIÇÃO, Antonio Ribeiro da (Bule-Bule). Do Pelourinho a Los Angeles Mestre Pastinha brilhou:
13	BARRETO, Antonio Carlos de Oliveira. Mestre Bimba capoeira, vida e emoção.
14	VIEIRA, Antônio. O encontro de Besouro com o valentão Doze Homens.
15	GARCIA, Victor Alvim Itahim (Lobisomem). Manduca da praia: o Lendário Capoeira do Rio Antigo.
16	GARCIA, Victor Alvim Itahim (Lobisomem). O debate de Padre Cícero com Mestre Caiçara no céu.
17	GARCIA, Victor Alvim Itahim (Lobisomem). ABC da Capoeira para crianças.
18	ALFREDO, Olegário (Gaio). O encontro de um Angoleiro com um Regional.
19	Mulatinho, Isa da Rocha. Mestre Mulatinho: a Capoeira de uma vida.
20	Mulatinho, Isa da Rocha. Capoeiragem no Recife dos Brabos.
21	Mulatinho, Isa da Rocha. Histórias da Capoeira Pernambucana.
22	VIEIRA, Antônio. A briga memorável do Capoeira com o Carroceiro por causa de uma prostituta.
23	VIEIRA, Antônio. A valentia justiceira de Besouro de Santo Amaro.
24	NASCIMENTO, João Sabino. Bahia, Eterna Bahia.
25	PEREIRA, Leandro Tranquilino. De Zumbi ao G.C.A.P.

Fonte: Autores (as) do artigo, 2021.

De todos os cordéis analisados, 04 (quatro) abordam o surgimento da capoeira, são eles: 1. História da capoeira no Recife. 2. A ladainha do Mestre Bimba com o Mestre Pastinha. 3. Mestre Bimba capoeira, vida e emoção. 4. ABC da Capoeira para crianças.

Resultados e Discussões

Nesta seção, apresentaremos resultados e discussões críticas e reflexivas acerca da análise dos cordéis encontrados em Bibliotecas Públicas, Privadas, Comunitárias e em Fundações. Salientamos que faremos esta interpretação baseada na esteira de Bardin (2016). Nesse sentido, tomaremos as mensagens como mote a partir de inferências.

1. História da capoeira no Recife. 2. A ladainha do Mestre Bimba com o Mestre Pastinha. 3. Mestre Bimba capoeira, vida e emoção. 4. ABC da Capoeira para crianças.

História da capoeira no Recife.

Como vimos, Rui Barbosa nos fez um desserviço ao mandar “queimar a memória” do povo negro trazido para o Brasil. Isso corroborou incertezas em relação à origem da capoeira. Por outro lado, sabemos, ainda, que três grandes Estados se digladiam para colherem louros em relação à criação de culturas populares brasileiras, são eles: Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Nesse sentido presenciamos discussões homéricas se o Samba nasceu no Rio ou na Bahia; se a Capoeira nasceu na Bahia ou em Pernambuco. A estrofe do cordel do Mestre Zumbi Bahia trata disso.

Vou contar uma história que no Brasil sucedeu
Na Capitania de Pernambuco
Foi onde aconteceu
A Criação da Capoeira.
Em função da resistência
Ela ainda não morreu

A única certeza de que temos sobre esse nascimento em Pernambuco é que esse Estado, em sua cidade principal, Recife foi palco de umas das maiores lembranças de traslado da “chegada de escravizados” do Continente Africano, pois nela se encontrava um dos maiores portos do Brasil, o Porto de Galinhas-PE. No entanto, essa informação nos deixa uma lacuna grande porque outros portos compuseram cenário parecido, a exemplo dos portos do Cais da Conceição da Praia e do Valongo, Bahia e Rio de Janeiro, respectivamente.

Sem dúvida, onde nasceu a capoeira no Brasil não iremos responder nesse trabalho, porém pelo contexto de importância e “chegada” de povos escravizados para este país, acreditamos que o local mais provável para a criação da Capoeira seja em terras baianas; porque nessas terras ao longo de 400 (quatrocentos) anos, o índice de condicionamentos em portos, tanto chegando e partindo foi neste Estado.

De acordo com Castro (2001, p. 45), o traslado de negros do continente africano para o Brasil no século XVI se intensificou pela produção de cana de açúcar e pela criação da primeira capital do Brasil, Salvador. No século XVII, não o foi diferente pela necessidade de produção e escoamento da produção de fumo no Recôncavo Baiano;

como também descoberta de minas na Bahia e em Minas Gerais. No século XVIII, houve o aumento da produção do fumo do recôncavo baiano e a transferência da capital do império para o Rio de Janeiro. Com isso, aumentou a necessidade de traslado de negros; além disso muitos negros da Bahia foram para o Rio. No século XIX, a Família Real chega ao Rio de Janeiro e a nova capital do Império passa por transformações não somente em questões de infraestrutura, mas também nas searas sociais e culturais (CASTRO, 2001).

Concernente a habitação dos Estados pelos negros trazidos da África, a Bahia foi o Estado que mais teve uma diversificação nesse sentido, pois, ao longo de 400 (quatrocentos) anos, chegaram negros de origem Bantu, Jeje-mina, Nagô-iorubá e Hauçã nessas terras. Com isso, partindo da premissa que a Capoeira foi criada no Brasil pelas diversas etnias de negros africanos, mais uma vez a Bahia desponta como a que apresentou maior incidência desses grupos étnicos (CASTRO, 2001).

A partir dessas abordagens, não estamos duvidando da criação da Capoeira em Pernambuco, apenas trouxemos possibilidades de não ser nessa região esse acontecimento. Assim, urge pesquisas que possam evidenciar essas suposições.

A ladainha do Mestre Bimba com o Mestre Pastinha.

A obra aborda o encontro de dois grandes Mestres (Bimba e Pastinha) em uma manifestação popular de grande relevância "Festa da Conceição da praia", demonstra boa relação entre Capoeiras, descreve costumes dentro da ladainha as possibilidades existentes dentro dessa forma de comunicação (corrido ou quadra).

Ao evidenciar as possibilidades desse diálogo cantado, simultaneamente o cordel narra inspirações encontradas na natureza para cada movimento/golpe dentro da capoeira. Tal obra contribui para reflexões sobre os processos históricos das Capoeiras (Angola e Regional) contribuindo para o conhecimento cultural. No entanto, ao pensar em origem da capoeira, falaremos do seu início com a Capoeira Primitiva, a qual se difere tanto da Regional quanto da Angola.

-Foi dos próprios animais
Que surgiu a capoeira
Da zebra veio a cabeçada
Da cascavel a rasteira
Do peixe o rabo-de-arraia
Do macaco a bananeira.

Pelos escritos que lemos, tudo leva a crer que existe um consenso sobre o começo da Capoeira em terras africanas, mas não dá forma que a conhecemos aqui no Brasil, mas sim em lutas-rituais a exemplo do Engolo/N’Golo, ou dança das zebras, do Mani, da Ladja, da Bassula, da Kamangula etc. Dessas, pelo menos duas tinham relação direta com os animais, a Bassula e o Engolo, a primeira era praticada por pescadores, daí o conhecimento dos peixes, a exemplo da arraia, cujo rabo desse peixe é cortante e venenoso, talvez por isso, por analogia, deu-se o nome de rabo-de-arraia a um dos golpes mais mortais da capoeira. A segunda luta, o Engolo, é inspirada na zebra em momento de luta; esse animal quando em defesa e ataque desfere cabeçadas muito potentes; como também seu coice é uma arma mortal.

Mestre Bimba capoeira, vida e emoção.

A escravização de povos do Continente Africano remonta séculos anteriores ao XVI, mas foi nesse tempo em que essa prática malévola, excludente e desumana se corporificou em vista do “progresso econômico”. Nesse contexto, Portugal se destaca frente ao desbravamento de terras outras e busca pelo mercantilismo e escravismo sair da penúria econômica pela qual passava (REGO, 1968).

Nesse traslado de negros trazidos para o Brasil, não foram somente os corpos prontos para o trabalho braçal que chegaram nas naus, também vieram culturas, saberes e vivências de povos viventes em sociedade. No entanto, apesar de termos clara essa noção de que mesmo os senhores, proprietários desses povos, quererem aculturá-los em sua totalidade para poder dominá-los, os saberes ao longo do tempo não se apagam com facilidade. Dessa herança, a capoeira pode ser uma delas. Nesse sentido, muitas conjecturas a respeito, como se vê a seguir.

É no século XVI
Que essa arte então decola
Através dos africanos
Que chegaram de angola
E mais tarde a capoeira
Se transforma numa escola.

Concernente à estrofe sobre origem da capoeira no século XVI pelos africanos, aprendemos desde cedo pelos livros de História do Brasil que a Capoeira veio das terras africanas para o Brasil. Contudo, até mesmo essa designação vinda de Angola é muito

tênue porque essa localidade é muito ampla e sempre houve confusão de sua territorialidade, antes denominada de região de Guiné, a qual abrangia outras, a exemplo Benguela etc.

Por outro lado, essa informação de Barreto é muito importante, pois nos remete a inferirmos acerca da origem da capoeira, mas não seu início, isso porque em Angola, neste século, não tinha Capoeira, pelo menos como a conhecemos nos primórdios no Brasil. O que tinha nessa época eram rituais de iniciação, a exemplo da Bassula (ABIB, 2009). Isso nos leva a coadunar como uma ideia, quase uma frase feita, de que a Capoeira teve sua origem em terras africanas, porém seu início se deu no Brasil.

Sobre a transformação da capoeira em escola, isso se deu com o Mestre Bimba no decorrer de seu trabalho e pela autorização para dar aulas de Cultura Física em ambientes fechados. Muitos falam da institucionalização da Capoeira como parte do projeto de higienização das ruas do Brasil. Se isso foi um projeto de governo, o tiro saiu pela culatra, pois com a Capoeira Regional em recinto fechado ela proliferou, mas a capoeira com um todo não deixou de estar nas ruas, pelo contrário se corporificou, em virtude de a Capoeira Antiga também iniciar um processo de modificações em sua prática.

ABC da Capoeira para crianças.

Apresenta linguagem simples e clara, adequado para o público infantil. De forma pedagógica, inicia as vinte e seis estrofes do cordel com uma palavra ora relacionada ao universo da capoeira, ora a virtudes, personalidade da Capoeira a exemplo do Mestre Waldemar da Liberdade. É um ABC, verdadeiramente, um cordel introdutório para um/uma jovem conhecer um pouco da capoeira; bem como se insinuar pelo mundo do alfabeto. Um dos aspectos importantes desse cordel se vê na estrofe a seguir sobre a origem da capoeira.

Kamangula e Bassúla
São lutas dos angolanos
N'Golo é a dança da zebra
Nos rituais africanos
Da origem da capoeira
Há muitos e muitos anos

Nessa estrofe, o autor nos apresenta três lutas originárias do continente africano, especificamente, no Sudoeste, na região dos Bantus. Dessas a que tem mais ressonância é o N'Golo, ou Engolo, por ser uma dança-luta ritual, pois ela acontecia na festa

denominada de Efendula, rito de passagem da puberdade a vida adulta pelas mulheres. Uma vez mulher, estaria apta ao casamento. Assim, para ter o direito de “desposar” a menina-mulher, dois rapazes se digladiavam e o vencedor teria o direito de escolher a sua noiva (ABIB, 2005).

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, ficou evidente que a Capoeira e a Literatura de Cordel se entrecruzam e contribuem com a cultura popular por fazerem parte desse legado. Além disso, percebemos que o gênero textual cordel corrobora leituras de mundo sobre várias temáticas e a capoeira é uma delas. Nessa relação, clarificamos o quanto as discussões sobre capoeira podem ser emanadas nos cordéis, como também não funciona somente para o entretenimento, pois há informações importantes para conhecimento da Capoeira. Pelo verso, pela rima, pela oração o leitor amplia seus horizontes sobre a capoeira, seja pelos instrumentos, pelos “causos” dos mestres antigos, sobre seus feitos em brigas etc.

Importante, também, a percepção do cordel como um lugar de memória fundante para que gerações vindouras possam se deliciar com histórias acerca de sua cultura e de cultura outras. Assim, ao ler um cordel, reminiscências poderão surgir e a memória individual do leitor ser aguçada a buscar outras leituras para composição, por exemplo, de fatos históricos de determinado tema como a capoeira.

Concernente ao escopo desse trabalho, vimos que parece um consenso de que a Capoeira tem seu começo no Brasil, mas seu fundamento é no continente africano pelas lutas e pelas lutas-rituais encontradas nessas terras antes da Capoeira se originar por negros africanos no Brasil.

O que ainda é um desafio, é evidenciarmos em qual região do país nasceu a Capoeira pela falta de documentos comprobatórios. Por outro lado, mostramos aqui uma inclinação para que tenha sido mesmo na Bahia, Estado denominado da Meca da Capoeira, seja pela ressonância dos feitos de Mestres Como Bimba, Pastinha e Besouro⁴, seja pelos Capoeiras mais antigos como o Me Alípio de Santo Amaro, Mestre Bentinho e Mestre Benedito, esses três últimos africanos.

⁴ Apesar de na época de Besouro não ter a denominação de mestre, o fizemos aqui como homenagem. Da mesma forma com Alípio, Bentinho e Benedito, mestres griôs pelas vivências.

Ressaltamos, ainda, que ao buscarmos nos cordéis a possível origem da capoeira, rememoramos um assunto triste, mas que não pode ser esquecido, porque foram quase 400 (quatrocentos) anos de sofrimento, de escravização do povo negro, natural do Continente Africano

Referências

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Mestres e Capoeiras Famosos da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Salvador: EDUFBA, 2005.
- ABREU, Márcia. **Histórias de Cordéis e Folhetos**. Vampina, SP: Mercado das Letras, 1999.
- AZEVEDO, Ricardo. 2004. **Cultura popular, literatura e padrões culturais**. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Cultura-popular.pdf>. Acesso em: 14 set. 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- CAMPOS, Hellio. **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Cinco livros do povo**. 2ª ed. João Pessoa. Editora Universitária: 1979.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks Editora, 2001.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CURRAN, Mark J. **Cuíca de Santo Amaro: controvérsias no cordel**. São Paulo: Hedra, 2000.
- CURRAN, Mark J. **Retrato do Brasil em Cordel**. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2011.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **A Ideologia do Cordel**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. Plurarte, Rio, 1982
- REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.
- SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. **Memória das vozes: cantoria, romanceiro & cordel**. Salvador. Secretaria da Cultura e Turismo. Fundação Cultural do Estado da Bahia. 2006
- SILVA, Gladson de Oliveira. **Capoeira: do Engenho à universidade**. São Paulo: O autor, 1995.
- SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. 3ªed. Rio de Janeiro: DP&A. 2005.